

CREIO EM DEUS PAI

Tendo sido batizado na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, aos dois anos, sendo meus pais o Doutor Ciríaco André de Matos Pereira e Dona Mariana Correia Matos Pereira, padrinhos o Cavalheiro Fidalgo Tomé de Abreu e Albuquerque e sua mulher Dona Carlota Figueiredo de Albuquerque, oficiante o Padre Domingos da Santa Fé, tornei-me católico, apostólico romano, por força do compromisso que em meu nome fez a Deus o meu padrinho.

Até os quatro anos, não pensei em Deus nem na sua corte de anjos e santos. Até que comecei a ouvir e ver os trovões e os raios, tão abundantes em nossa cidade, que abalavam nossa casa e faziam minha mãe ir acender velas para Santa Bárbara e São Jerônimo, exclamando, aterrada: “Deus nos acuda, é o fim do mundo!”

Comecei então a saber que Deus, ainda que nos mandasse trovões e raios que te partam, ao mesmo tempo nos socorria e acudia. E que havia também, ao seu lado, os santos e as santas, intermediários das nossas súplicas.

Aos sete anos, levaram-me a ser catequizado, para mais tarde receber a Primeira Comunhão.

“Crês em Deus?” — perguntava-me a minha catequizadora, uma senhora gorda, de cabelos brancos, e eu respondia:

“Sim, creio”. E ela prosseguia: “Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Honrarás pai e mãe. Não cobiçarás a mulher do próximo”.

Ensinou-me ela, também, o Pai Nosso que estais nos céus, a Ave Maria, o Credo, e outras orações. E eu devia, pela manhã, ao despertar e à noite, ao ir dormir, além de escovar os dentes, ajoelhar-me à beira da cama e rezar algumas orações.

Por outro lado, a Santíssima Trindade, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, representados por um triângulo equilátero, me perturbava. E ainda mais quando, já na escola, eu via o triângulo equilátero dentro do qual havia um olho aberto e a legenda “Deus me vê”. Deus me via todo o tempo, era um espião.

Terror e amor...

Tomei conhecimento também do Diabo, que era um sujeito muito safado, com chifres, rabo, pés de cabra e fedendo a enxofre.

Não obstante, meu pai, quando estava encolerizado, costumava dizer: “O Diabo que te carregue!”

Os nomes sujos eram proibidos e, se acaso os pronunciasse, minha Mãe mandava: “Vá lavar a boca, menino!”, e aplica-me um beliscão. Na casa, o único que não era mandado lavar a boca, nem era beliscado, era o meu pai.

Na abóboda pintada da Igreja, eu via Deus barbudo, o seu filho Jesus, e o Espírito Santo, que era uma pomba. E nuvens, profetas, santinhos e

santarrões, além do altar-mor e dos nichos com as imagens dos bem-aventurados.

Cantava-se, em coro: “No céu, no céu, com minha mãe estarei...”

Ora, minha mãe estava em casa, ou ali sentada, num banco, coberta por um véu negro.

As procissões da Semana Santa, ou de outros dias santificados, saiam da porta da Igreja e o povo desfilava pelas ruas, atrás dos andores carregados por pessoas vestidas de opa, com a banda de música atrás. O turíbulo, o cheiro de incenso, na nave, as beatas ajoelhadas, os sinos batendo.

De costas, o padre murmurava: “Introibo ad altarem Dei”.

E o coroinha completava: “Ad Deum qui laetificat juventutem meam”.

Mas, na minha ânsia menina de viver, gostava mesmo quando o padre dizia: “Ite, Missa est”.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado